



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de sua maciça participação em variadas mostras de Roterdã, que fechou suas telas no domingo, o Brasil avança 13 casas no circuito dos grandes festivais internacionais: emplaca 12 filmes e uma série na Berlinale, que começa nesta quinta-feira (13), na Alemanha. Participa até da disputa pelo Urso de Ouro, com “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro, voltando a um terreno de que andava afastado desde 2020, quando concorreu com “Todos os Mortos”.

A láurea germânica já ficou com a gente duas vezes: em 1998, foi dada a “Central do Brasil”, de Walter Salles (hoje no páreo do Oscar, com “Ainda Estou Aqui”), e, em 2008, o troféu coroou o olhar de “Tropa de Elite”, de José Padilha, sobre a PM. Desta vez, como já é tradição no evento, o cinema brasileiro volta a ocupar variadas seções, inclusive a ala de curta-metragem e a seara das séries. A novidade agora é que vai se deparar com um Festival de Berlim reconfigurado em sua direção artística, com novos espaços de projeção e reconexões com as estéticas alemãs.

Não por acaso, um dos diretores mais importantes para o redesenho da produção germânica na conversão do cinema analógico (em película 35mm) para o digital, na década de 1990, Tom Tykwer (nascido em Wuppertal, há 59 anos) é quem vai abrir a programação desta Berlinale. Os cults “Winter Sleepers - Inverno Quente” (1997) e “Corra, Lola, Corra” (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoridade, “Das Licht” (“The Light” ou “A Luz”), passa hors-concours como atração de abre-alas do festival, apoiado no carisma de seu astro, Lars Eidinger (de “Dying”). No drama filmado por Tykwer, uma família se aboleta num apartamento na capital alemã. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes, eles vivem em harmonia, até que a enigmática Farrah (vivida por Tala Al-Deen), recém-chegada da Síria,



A Melhor Mãe do Mundo

Berlim na **batuçada**

é contratada como governanta. Com ela, o clã chefiado por Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Eidinger) terá novas lições de empatia.

A convocação de “Das Licht” assinala a nova linha curatorial da Berlinale, confiada à americana Tricia Tuttle, que vem do BFI London Film Festival. A gestão anterior, estruturada por Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, começou em 2020 (pré-pandemia) e terminou no ano passado. O saldo da dupla foi dos mais positivos, pois reaproximou o festival de grifes narrativas há muito afastadas (como Martin Scorsese e Steven Spielberg), reconectando relações com Hollywood, estremeçadas na fase final da administração de Dieter Kosslick, seu curador de 2001 a 2019.

Ao ser empossada, Tricia criou uma seção nova (Perspectivas, dedicada a estreantes) e escalou o divo estadunidense dos filmes indie Todd Haynes (realizador de “Carol” e “Segredos de um Escândalo”) para presidir o júri. Ele vai avaliar as produções em competi-

ção ao lado de três cineastas (a alemã Maria Schrader, que também é atriz; o marroquino Nabil Ayouch; e o argentino Rodrigo Moreno); uma figurinista (Bina Daigeler, egressa de Munique); uma crítica de cinema (Amy Nicholson, do “Los Angeles Times”); e da estrela chinesa Fan Bingbing.

De cara, Tricia marcou dois golaços em prol da vinculação da Berlinale com a cultura pop. Seu primeiro acerto foi assegurar uma sessão de gala do aguardado “Um Completo Desconhecido” (“A Complete Unknown”), a cinebiografia do cantor, compositor e prêmio Nobel Bob Dylan, dirigida por James Mangold. Estrelado por Timothée Chalamet, o longa foi indicado a oito Oscars. O segundo (e, possivelmente, maior) acerto da curadora foi agitar uma sessão de “Mickey 17”, ficção científica que marca o regresso do oscarizado realizador de “Parasita” (2019), o sul-coreano Bong Joon Ho, à direção, após um hiato de seis anos. Robert Pattinson, o atual Batman,

Divulgação

Uma delegação de 13 produções brasileiras movimentada a Berlinale, com ‘O Último Azul’, de Gabriel Mascaro, na briga pelo Urso de Ouro num festival que se renova

estará em Berlim para promover essa sci-fi com jeitão de blockbuster. Pattinson vive o funcionário de uma expedição colonizadora a um planeta distante que é substituído por clones de si mesmo sempre que se desgasta.

Atenta às lutas por equidade de gênero, Tricia escolheu a atriz escocesa Tilda Swinton (de “O Quarto Ao Lado”) para receber o Urso de Ouro Honorário, na cerimônia de abertura, no dia 13. A outra honraria anual da maratona cinéfila, a Berlinale Camera, fica com o diretor artístico da Deutsche Kinemathek, o pesquisador Rainer Rother.

Em meio a esses tributos, medalhões vão desfilar pelas telas do Berlinale Palast, em disputa por troféus, entre os quais o onipresente sul-coreano Hong Sangsoo (com “What Does that Nature Say to You”). Vão estar lá o americano Richard Linklater (com “Blue Moon”, que tem Ethan Hawke e Margaret Qualley em cena); a francesa Lucile Hadâ, -ihalilovic (com “La Tour de Glace”,